

ESTAMOS INDO PARA O PLANO REAL 2?

Murilo de Aragão

Após a crise da Rússia, existia entre integrantes da equipe econômica a crescente certeza de que a atual política cambial não funcionaria mais. O mesmo sentimento predominava no mercado. No entanto, Gustavo Franco resistia e jogava seus trunfos nas negociações com o FMI, visando resguardar sua política.

Com o acordo, aparentemente Franco tinha vencido a guerra. Brasil teria um "colchão" de segurança de mais de US\$ 100 bilhões, composto pelas reservas, pela receita da privatização, pelo programa de ajuste fiscal e pelo pacote financeiro internacional. Tudo ia bem até que o governo foi derrotado na votação dos inativos no Congresso, no início de dezembro.

De lá para cá, a situação ficou instável e o mercado profundamente desconfiado dos rumos do ajuste fiscal e da capacidade do país de manter suas reservas cambiais. Sobretudo, o mercado internacional ficou sem disposição para financiar expectativas e promessas. Este ano, após o furacão Itamar Franco, a situação degringolou. Mesmo com a positiva reação de FH, que ordenou o bloqueio das contas de Minas Gerais, e o apoio da imprensa e dos governadores ao ajuste fiscal, o Brasil mergulhou, novamente, em uma crise de credibilidade. Infelizmente, desta feita, estamos no olho do furacão.

Todo o movimento especulativo nos mercados internacionais nos últimos dias tem origem nos incidentes e fragilidades do Brasil. Não temos mais as desculpas das crises da Ásia e da Rússia. Aparentemente, o fato de termos assegurados mais de R\$ 15 bilhões para o programa de ajuste fiscal não está sendo suficiente para convencer os mercados financeiros das boas perspectivas do Real.

Para salvar o Real, a correção de rota está sendo feita na política cambial. A saída de Gustavo Franco é uma tentativa de reverter o quadro negativo das expectativas do mercado. Entretanto, as reações iniciais do mercado in-

ternacional não foram boas. As bolsas despencaram, assim como os títulos do país no exterior. Rumores indicam que o FMI resistiu à mudança ora proposta. Outras fontes dizem que não houve consulta formal. O mundo financeiro está de mau-humor com o Brasil.

Existe, ainda, a impressão de que a derrubada de Gustavo Franco favorece aqueles que querem juros baixos a qualquer preço, agravando a crise de confiança. Enfim, os próximos

dias serão críticos para restabelecer a credibilidade financeira do Brasil. Devemos ter saídas brutais de recursos que podem enfraquecer, ainda mais, nossa situação. As expectativas apontam saídas totais de mais de US\$ 4 bilhões nos próximos dias, mesmo que os juros venham a subir significativamente.

Infelizmente, estamos correndo sérios riscos. Poderemos viver uma situação parecida com a do México em 1995. Além do mais, nossa crise pode contaminar as economias da Argentina, México e, pasmem, a da China. Porém, temos alguma chance de evitarmos um colapso. Nossas chances dependem da conjugação de

vários fatores. O primeiro deles é o apoio do Congresso às medidas relacionadas ao ajuste fiscal. Inclusive, se possível, acelerando algumas votações de matérias emblemáticas, como a CPMF, regulamentação da Reforma Administrativa, as alterações regimentais na Câmara, entre outras.

Outro aspecto está na manutenção do firme apoio dos governadores à política de ajuste fiscal. Não há espaço para tergiversações com relação à execução dos acordos. Por fim, é vital que os organismos internacionais e os países do G-7 apoiem firmemente o Brasil. Tanto com declarações quanto com ações. O mesmo vale para a comunidade empresarial do país. É certo dizer que não estamos, ainda, no rumo do Plano Real 2. Mas, volto a dizer, estamos correndo sérios riscos.

■ Murilo Aragão é mestre em Ciência Política e doutor em Sociologia, pela Universidade de Brasília (UnB), e presidente da Arko Advice-Análise Política

A situação ficou instável e o mercado internacional ficou sem disposição para financiar expectativas e promessas